



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO PRESENCIAIS DE
LICENCIATURA EM LETRAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CRYSLAINE BEIJA DA SILVA

A HISTÓRIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O ESTUDO DA TEMÁTICA
DA ESCRAVIDÃO NO ROMANCE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

JOÃO PESSOA
2020

CRYSLAINE BEIJA DA SILVA

A HISTÓRIA DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA E O ESTUDO DA TEMÁTICA
DA ESCRAVIDÃO NO ROMANCE *PONCIÁ VICÊNCIO*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Coordenação do Curso de Letras, do Centro
de Ciências Humanas, Letras e Artes, da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB),
como requisito para obtenção da Licenciatura
plena em Letras – Língua Portuguesa

Orientadora: Prof. Dra. Amanda Ramalho de
Freitas Brito

JOÃO PESSOA
2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S568h Silva, Crysleine Beija da.

A história da literatura afrobrasileira e o estudo da temática da escravidão no livro Ponciá Vivêncio, de Conceição Evaristo / Crysleine Beija da Silva. - João Pessoa, 2020.

29 f. : il.

Orientação: Amanda Brito.

TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Ponciá, Vivêncio. 2. Literatura Afro-brasileira. 3. Escravidão. I. Brito, Amanda. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 82-9

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer a todos os meus amigos do curso de Letras- português 2016.1, especialmente Laura, Jennifer e Zarqueu, amo vocês sempre, obrigada por sempre me ajudarem ao longo dessa graduação. Obrigada, perdidos da noite, pelos momentos felizes; pelas pequenas festas que tínhamos sempre que a oportunidade surgia. Agradeço também a todos os professores e professoras da universidade pelo constante aprendizado, em especial a minha orientadora, Amanda Ramalho.

Agradeço a todos os meus amigos, vocês sabem quem são. Obrigado aqueles que fizeram parte da minha história durante o ensino fundamental e médio, e durante o período que estive na graduação. Amo vocês.

Gostaria de agradecer ao meu amor, Joanderson, por aguentar as minhas neuras e indecisões, e por me dar suporte durante a escrita desta monografia e durante a minha vida.

Por último, e mais importante, gostaria de agradecer a toda minha família, em especial para os meus irmão, Daniel e Mariana, amo vocês; a minha Tia, por ter me acolhido em sua casa, por sempre me apoiar; por fim, gostaria de agradecer a razão da minha existência e o amor da minha vida: minha mãe, Marilene. Eu te amo, mãe, eu não seria nada sem o apoio da senhora durante toda minha vida. Minha mãe sempre se esforçou para me manter na escola, mesmo trabalhando 9h por dia como empregada doméstica, sempre me ensinou mais que qualquer outro professor e conseguiu ser presente na minha vida e dos meus dois irmãos. Eu espero um dia conseguir ser tão forte quanto a senhora, que é minha guia para tudo. Te amo, mainha.

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar um estudo acerca da necessidade da presença do *corpus* de literatura afro brasileira dentro da crítica literária brasileira literatura brasileira, visto que não se observa o negro dentro do canône literário, e, quando este é observado, não se encontra em um espaço de protagonismo. Diante disso, o estudo apresenta um percurso sobre a literatura negra, sua construção, bem como os aspectos característicos de sua escrita. Para destrinchar tais aspectos, iremos analisar e contextualizar a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, através dos conceitos apresentados por Duarte (2008), que define uma série de aspectos que caracterizam uma obra de literatura afro-brasileira. Para estudo da obra de Evaristo iremos analisar a temática, aqui dividida em denúncias e consequências da escravidão, e como esses aspectos são apresentados em capítulos específicos do livros. Para realização desta monografia, utilizamos o aporte teórico de Abaurre (2013), Dalcastagnè (2008), Duarte (2008), Krachenski (2018), Lobo (2007), Luna (1968), Macedo (2008), Moura (1983) e Souza (2008). Por fim, após análise e pormenorização da obra Ponciá Vicêncio (2003), pudemos identificar atributos marcantes que realçam, caracterizam e evidenciam uma obra como sendo, majoritariamente, de substância afro-brasileira.

Palavras chave: Literatura afro-brasileira , Ponciá Vicêncio, literatura.

ABSTRACT

The present work seeks to present a study about the need of a presence of the corpus of Afro-Brazilian literature inside the Brazilian literature, since black people are not observed within the literary canon, and when it is observed, it is not found in a space of protagonism. Therefore, the study presents a journey on black literature, its construction, as well as the characteristic aspects of its writing. To disentangle such aspects, we will analyze and contextualize the book Ponciá Vicêncio (2003), by Conceição Evaristo, through the concepts presented by Duarte (2008), which defines a series of aspects that characterize a work of Afro-Brazilian literature. For the study of Evaristo's work, we will analyze the theme, here divided into denunciations and consequences of slavery, and how these aspects are presented in specific chapters of the books. To carry out this monograph, we used the theoretical contribution of Abaurre (2013), Dalcastagnè (2008), Duarte (2008), Krachenski (2018), Lobo (2007), Luna (1968), Macedo (2008), Moura (1983) and Souza (2008). Finally, after analyzing and detailing the work Ponciá Vicêncio (2003), we were able to identify striking attributes that highlight, characterize and evidence a work as being, mainly, of Afro-Brazilian substance.

Key words: literatura, afro-brazilian literature, Ponciá Vicêncio.

SUMÁRIO

Introdução	8
CAPÍTULO 1. CONSTRUÇÃO DE UM CORPUS	8
1.1 A Resistência da cultura negra no Brasil	10
1.2 Percurso da literatura afro brasileira	12
1.3 Caracterização da obra como literatura afro brasileira.....	16
CAPÍTULO 2: ESTUDO DA OBRA.....	18
2.1 Tema e contextualização da obra.....	18
2.1.1. Análise da obra de acordo com a temática.....	18
2.1.2 Apresentação dos componentes.....	18
2.1.3 Contextualização.....	18
2.1.4 Mapeamento da categoria.....	19
2.2 Denúncias da escravidão.....	19
2.3 Consequências da escravidão.....	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS.....	28

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata sobre a importância do estudo e caracterização da literatura afro-brasileira, bem como a importância da presença desta literatura no cânone literário brasileiro, através de um estudo do romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, e sua caracterização como um romance de literatura afro-brasileira. O livro é uma obra significativa dentro do *corpus* da literatura afro-brasileira. Apresentando as dificuldades dos descendentes de escravos, a obra é de grande importância para a compreensão da história dos negros e suas consequências, apresentados através da linguagem poética de Conceição Evaristo.

O estudo da *temática* é imprescindível para análise, identificação e postura da obra dentro do romance. Assim, as duas características que compõem a *temática* são: denúncia da escravidão e consequências da escravidão - ambas são essenciais para compreender a forma como os aspectos presentes na temática negra no Brasil são apresentadas dentro *corpus*.

O artigo de Duarte (2008), *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*, é imprescindível para a análise do *corpus* referido, uma vez que o artigo busca elaborar uma teoria que caracteriza a literatura afro-brasileira, através da elaboração de uma série de conceitos que devem se apresentar em uma obra da literatura negra. Logo, o artigo é essencial para o estudo do romance supracitado.

Além da introdução, o presente trabalho se divide em dois capítulos. No primeiro, abordaremos a construção do corpus da literatura negra, que é subdividido da seguinte forma: a princípio, estudaremos a resistência da cultura negra, a formação do corpus de literatura afro-brasileira e depois estudaremos a caracterização da obra como literatura afro-brasileira. No capítulo II, abordaremos o tema e a contextualização do romance de Conceição Evaristo, *Ponciá Vicência* (2003), através da análise da temática e como ela apresenta-se dentro do livro.

CAPÍTULO 1: A CONSTRUÇÃO DE UM *CORPUS*

A literatura afro-brasileira surge como uma parte do corpus da literatura brasileira, pois, dentro do cânone brasileiro, é raro a presença de autores negros, sendo necessária a

criação e denominação do que seria o “canône afro-brasileiro”. Ao questionar sobre a necessidade dessa denominação, muitos perguntam se apenas a cor da pele é suficiente para caracterizar uma obra como sendo literatura afro. Sendo assim, devemos compreender que a literatura afro brasileira assume diversas características para ser denominada como tal. Segundo Lobo (2007):

Poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo). (LOBO: 2007, p. 315)

Portanto, é necessário compreender que para ser uma literatura afro-brasileira, a produção literária deve assumir-se ideologicamente como tal, ou seja, o objeto da narração deve ser o negro e suas origens, dando o protagonismo ao sujeito e sua respectiva cultura. Diferenciando-se, assim, da visão estereotipada apresentada por narrativas de autores brancos, em que por muitas vezes o negro é tratado apenas como personagem secundário, empregado doméstico ou motorista de uma casa ou um personagem caricato, mas nunca como personagem principal. Segundo Dalcastagnè (2008):

Os negros são 7,9% das personagens, mas apenas 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores; embora em proporção menos drástica, uma redução similar ocorre no caso dos mestiços. Juntando os dados anteriores, é possível observar a ampla predominância de homens brancos nas posições de protagonista ou de narrador, enquanto as mulheres negras mal aparecem. (2008, p. 91)

Assim, de acordo com a pesquisa realizada por Dalcastagnè (2008), podemos observar como os negros eram - e ainda são - pouco retratados dentro da literatura, tendo pouca participação nas narrativas, sendo esses papéis direcionados majoritariamente aos homens brancos. Com esse pano de fundo, torna-se imprescindível o corpus da literatura afro-brasileira dentro da literatura brasileira.

1.1 A resistência da cultura negra no Brasil

Os negros começaram a chegar ao Brasil como escravos por volta do ano de 1530, sendo expostos à compra por grandes senhores, com a proposta de mão de obra forte e barata. Eram trazidos para o Brasil e recebiam tratamento desumano: durante a travessia pelo oceano, tinha de dividir o espaço do navio com ratos e, não sendo o bastante, ainda lutavam contra a fome que os assolava; diante disso, muitos preferiam a morte e se jogavam ao mar. Para mais, eram tirados de seus países e forçados a uma nova cultura, religião e idioma.

Ao vir para o Brasil, de diferentes partes do continente africano, trouxeram consigo diferentes valores culturais, que foram colocadas em um mesmo lugar denominado como o movimento negro. Ao trazer essa discussão em seu livro *O lugar do negro*, Lélia Gonzalez (1982), ao questionar sobre movimento negros ou movimentos negros, a autora apresenta que:

Os diferentes valores culturais trazidos pelos povos africanos que para cá vieram (lorubas ou nagôs, daomeanos, malês e muçulmanos, angolanos, congolenses, ganenses, moçambicanos, etc), apenas da redução à “igualdade”, imposta pela escravidão, já nos leva a pensar em diversidade. (GONZÁLEZ, pág, 18, 1982)

Ao colocar toda uma cultura negra em apenas um movimento, a autora questiona se é possível de chamá-lo de movimento negro, ou se deveria ser chamado de movimentos negros, ao considerar os diferentes aspectos culturais e sociais trazidos de diferentes lugares do continente africano. Ao comparar com o movimento feminista, surge a discussão a quem o movimento é destinado, se falamos sobre o feminismo negro, que alia a luta das mulheres com o movimento de luta antirracista; também podemos abordar transfeminismo, que defende a causa de mulheres transgênero, etc. Em comparação com o movimento negro, deve-se considerar as diferenças dentro do movimento, em que a autora questiona, através de diversas perguntas, o porquê lutar dentro da causa negra; ou seja, sobre o negro consumir apenas o que é eurobranco, ou afronegro, etc.

González (1982) esclarece que a resposta para os questionamentos anteriores ocasionaria a fala sobre os movimentos negros, e não apenas o movimento negro. Em relação à literatura afro-brasileira, que busca apresentar uma plataforma de escrita para autores e histórias negras, teríamos um movimento negro literário, que apresenta como função a difusão desses autores bem como suas histórias com o protagonismo negro.

De acordo com Gonzalez (1982), para difusão e manutenção de sua cultura, no período pós abolição, o negro organizou-se em associações, que podem ser divididas em *entidades negras recreativas e culturais de massa*, grandes responsáveis pela manutenção da cultura negra. As atividades culturais de massa eram vistas como uma forma de baderna, tendo que ser submetidas às regras impostas pelas autoridades, pois “qualquer aglomeração de negros sempre é encarada como um caso de policia”. (GONZALEZ, 1982)

A autora também apresenta as entidades culturais, em que era abordado uma prática de cultura mais politizada dentro da comunidade negra, como teatro, artes e literatura. Dentre as entidades culturais o movimento que mais se destacou foi o Teatro Experimental Negro (TEN), no Rio de Janeiro.

Sua posição crítica em face ao racismo e suas práticas, seu trabalho concreto de alfabetização, informação, formação de autores e criação de peças que apostam para a questão racial, significou um grande avanço no processo de organização da comunidade. (GONZÁLEZ, 1982, pág. 24)

Sendo assim, a criação do TEN foi uma forma de exposição da cultura negra e, também, de dar voz ao teatro negro e suas expressões artísticas, com firme posição contra o racismo. A autora destaca que ao lado do TEN, a poesia foi uma forma também de expressão, em que se destaca o trabalho dos cadernos negros.

Segundo Moura (1983), sobre a cultura afro-brasileira: “[...] não foi morta, nem insignificante, nem periférica, nem inferior e não é folclórica. Foi e continua sendo – durante a escravidão como agora – uma cultura de resistência dos oprimidos no Brasil.” (MOURA, 1983, p. 140). Logo, é necessário respeitar o fato, que mesmo em condições extremamente desumanas os negros foram capazes de transferir e fazer prosperar sua cultura no território brasileiro, e hoje conhecemos e convivemos com as religiões de matrizes africanas, como a Umbanda; com expressões artísticas, como a capoeira, e com comidas de suas origens, tais como acarajé e vatapá. Sendo assim, é possível afirmar que a cultura negra é a norteadora pela mistura cultura afro-brasileira, em contanto com a cultura portuguesa e indígena. Segundo Souza (2008):

[...] Assim, quando falamos em mestiçagem do povo brasileiro, estamos nos referindo basicamente às misturas entre africanos e os povos que eles encontraram aqui, principalmente portugueses e indígenas. Foi essa mestiçagem que, apesar de atormentar as elites brasileiras que tentaram diluídas com outras misturas, se impôs como consequência da importação de

cerca de 5 milhões de africanos ao longo de mais de trezentos anos. (SOUZA, 2008, p. 129)

Mesmo tendo grande parte na formação da cultura brasileira, e sendo responsável pela mestiçagem do povo brasileiro, a cultura africana é retratada através de uma alegorização, que não favorece o desenvolvimento e a apreciação desse legado histórico. Logo, é necessário que o negro, por meio da literatura ou outra representação artística, narre sobre o respeito e apreciação da sua própria cultura, não permitindo que esta seja delegada aos homens brancos.

1.2 Percurso da literatura afro brasileira

Em seu artigo sobre literatura negra Evaristo (2009) escreve uma reflexão acerca da existência da literatura afro-brasileira, que marcaria a subjetividade dos escritos da literatura negra, tais como as experiências vivenciadas por esses escritores. Evaristo (2009) destaca:

Se, por um lado, tanto as elites letradas como o povo, dono de outras sabedorias, não revelem dificuldade alguma em reconhecer, e mesmo em distinguir, os referenciais negros em vários produtos culturais brasileiros, quando se trata do campo literário, cria-se um impasse que vai da dúvida à negação. (EVARISTO, 2009, pág 19)

É notório a forma que evidenciam certas manifestações artísticas como sendo afro-brasileiras, podendo destacar o samba, capoeira; na religião, o candomblé é considerado uma religião de matriz africana, assim como diversos outros aspectos recorrentes na nossa formação cultural, como comida ou certas palavras. Porém, no campo da literatura, observa-se uma dificuldade em relação ao definir, ou aceitar, a existência de um *corpus* de literatura negra dentro da literatura brasileira. Em relação a esse impasse, Evaristo questiona (2008): “Seria o fazer literário algo reconhecível como sendo de pertença somente para determinados grupos ou sujeitos representativos desses grupos?” (Pág. 19). Ao afirmar a falta de necessidade da organização do *corpus* da literatura afro brasileira, torna-se imprescindível o questionamento acerca do espaço que os negros tem dentro dos escritos de literatura brasileira, mais especificamente do que é apresentado no cânone literário. Evaristo (2008) destaca os seguintes exemplos de como o negro é descrito em obras de literatura brasileira.

No romance *São Bernardo* (1934), de Graciliano Ramos, Casimiro Lopes, também um personagem negro, aparece como alguém possuidor só de uma meia linguagem. Casimiro, um empregado fiel – estereótipo renovado do escravo passivo, dócil –, surge descrito pelo personagem-narrador como alguém “dono de vocabulário mesquinho” [...] *A grande arte* (1990), de Rubens Fonseca. Trata-se do personagem Zaquai, um anão negro, caracterizado como um sujeito falante, prolixo. Entretanto, Zaquai imita um orador branco, não tem um modelo próprio e negro de linguagem. (EVARISTO, 2008, pág. 22)

Ao observar a forma que é apresentado em romances de autores canônicos, torna-se substancial o estudo e difusão acerca do que é a literatura negra e quem são seus autores, aos quais não irão apresentar o homem negro de maneira esteriotipada, buscando apresentar sua cultural através de seus escritos. Por conseguinte, faz-se necessário o estudo e a definição dessas obras, em âmbito universitário, como também escolar.

De acordo com a alteração na lei de diretrizes base, foi estabelecido que: “os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.” (BRASIL, 2003). Os currículos de literatura, que apresentavam apenas os principais autores dentro de cada escola literária, os quais não eram de literatura afro-brasileira, deveriam adaptar-se com essa obrigatoriedade no ensino, começando a surgir perguntas sobre o que ensinar e o porquê de ensinar.

A primeira romancista brasileira foi uma autora negra chamada Maria Firmino dos Reis (1822 - 1917). Pouco estudada na escola, a autora maranhense nasceu em São Luís em 1822, era professora e escritora, algo que não era atribuído a mulheres no século XIX, assim como apresenta Krachenski (2018):

No entanto, tão acostumados como estamos com a definição histórica do limite da atuação das mulheres e, principalmente, com o cânone literário que impõe ao pensamento barreiras de classe, raça e gênero nos é surpreendente a trajetória e as realizações de uma mulher maranhense, filha de escravos e pobre que desafia muitos lugares comuns históricos e literários aos quais estamos, em certa medida, habituados. (2018, pág. 58)

Mesmo diante da realidade narrada por Krachenski, referentes às dificuldades de gêneros e raça enfrentadas por mulheres no séculos XIX, Maria Firmino escreveu livros que narram a realidade dos negros no período em que viveu, através de seu romance *Úrsula*

(1859), primeiro romance abolicionista; e o conto *A escrava*, publicado em uma revista maranhense em 1887. A autora também escreveu para diversos jornais da cidade em que morava até a sua morte, e fundou, em 1880, a primeira escola mista na cidade do Maranhão.

Segundo Duarte (2009, pág 277), a respeito da escrita de Maria Firmino: “ao estabelecer uma diferença discursiva que contrasta em profundidade com o abolicionismo hegemônico da literatura brasileira de seu tempo, a autora constrói para si mesma um outro lugar: o da literatura afro-brasileira.”

Outra autora de literatura afro-brasileira pouco estudada é Carolina Maria de Jesus. A autora nasceu em Minas Gerais em 1914, e faleceu em São Paulo em 1977. Ela foi uma autora negra, filha de pais analfabetos, que recolhiam papéis para sobreviver e moravam em uma comunidade mineira. Após a morte de sua mãe, a autora se mudou para São Paulo, onde trabalhou como empregada doméstica e escreveu memórias em seus cadernos, o que deu origem ao seu livro *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960).

Quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residiam nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres somos os trastes velhos. (JESUS, 1960, p.195)

Através da escrita dos seus diários, mostrando os percalços da vida na comunidade, Carolina escrevia seus romances. Se a autora Maria Firmino escrevia romance abolicionista, Maria de Jesus escrevia um romance de favela, para ir além do que conseguia ver em sua realidade.

Cruz e Souza (1861-1898) foi um autor negro, filho de ex escravos e o principal nome do movimento simbolismo brasileiro. Suas obras tem uma característica marcante de uma constante alusão ao que é branco, usando de várias palavras que remetem a essa cor. Tendo tido grande participação e destaque dentro de uma escola literária, o autor é um dos autores de literatura afro-brasileira recorrente nos currículos de literatura. Segundo Abaurre (2013), acerca da poesia de Cruz e Souza: “O que impressiona em sua poesia é a profundidade filosófica e a angústia metafísica, temas que sem dúvida tiveram origem na sua sofrida experiência pessoal” (ABAURRE, 2013, p. 183). Suas poesias retratam sua infância sofrida e a realidade do negro no século XIX, assim como é retratado na sua poesia abaixo.

Cárcere das Almas
Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,

Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza. (CRUZ E SOUZA 1988, p. 21)

No ano de 1979, durante um período de grande repressão por conta da ditadura militar e grande participação de movimentos de protesto, surge a revista literária *Cadernos Negros*, uma publicação anual, escrita por diversos autores, que tinha como função disseminar e discutir sobre a literatura afro-brasileira. A revista é organizada pelo grupo Quilomboje literatura, que tem como fundadores o Cuti, Oswaldo de Camargo, Mário Jorge Lescano, Abelardo Rodrigues, Paulo Colina e outros escritores. Macedo (2008) explana sobre a necessidade dos *Cadernos Negros*.

As produções dos *Cadernos Negros* é essencial para disseminação e conhecimento dos autores negros, como também um acervo sobre a visão do negro sobre sua vida. Macedo (2008) define os *Cadernos*:

Na verdade, o que há por trás dos contos e poesias publicados pelos *Cadernos Negros* é o olhar negro sobre a palavra. Sobre a vida. Você vai encontrar em cada página a visão humana de situações cotidianas sob a ótica negra. Parece simples. E realmente é. Porém, num país como o Brasil, riquíssimo, mas onde contraditoriamente as dificuldades de educação são imensas, *Cadernos Negros* passa a ser um “quilombo da literatura.” (MACEDO, 2008, 293)

O olhar negro na poesia presente nos *Cadernos Negros* pode ser observada em *Vozes mulheres*, de Conceição Evaristo, autora que escreveu para os *Cadernos Negros*:

A voz da minha filha
recolhe todas as vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz da minha filha recolhe em si
a fala e o ato
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz da minha filha
se fará ouvir ressonância
o eco da vida liberdade. (EVARISTO)

Na poesia acima, Conceição Evaristo apresenta sua escrevivência -palavra utilizada pela autora para descrever sua forma de escrita, que acontece através de suas vivências - em sua escrita, através dos Cadernos negros.

1.3 Caracterização da obra como literatura afro-brasileira

Diante das especificidades da literatura afro-brasileira, Duarte (2008) analisa que para um escrito ser considerado como literatura afro-brasileira, “é necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população.” (2008). Logo, é necessário mais que um autor negro ou um personagem negro para termos a literatura afro-brasileira. Duarte (2008) diz que são necessários cinco aspectos para considerarmos dentro da literatura afro-brasileira, são eles: temática; autoria; ponto de vista; linguagem e o público.

Em seu artigo, *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*, Duarte (2008) apresenta cinco conceitos que caracterizam uma obra como pertencente à literatura afro-brasileira: a *autoria*, *ponto de vista*, *linguagem*, *público* e a *temática*. O primeiro conceito, *autoria*, é fator de identificação da literatura negra, diretamente ligada ao *ponto de vista* do autor da obra. Logo, não é apenas a cor de pele do escritor que caracteriza suas obras como literatura afro-brasileira, mas sim o *ponto de vista* que este escritor adota em seus textos. Portanto, o *ponto de vista*, dentro da literatura afro-brasileira, torna-se a visão do mundo do autor da obra e como ele expressa uma identidade negra em seus escritos. Sendo assim, é necessário que sua história seja incorporada nos seus escritos, em conjunto com sua cultura e sua história.

Outro conceito apresentado por Duarte (2008) é a *linguagem*, sendo caracterizada por ressignificações de palavras e vocábulos característicos dos afro descendentes. Já o *público* é relacionado a quem a obra é direcionada e o porquê desse direcionamento. Ele é direcionado com intencionalidade a atingir o público afro-descendente, como forma de criação de outros espaços literários que sirvam como mediação entre o texto e o leitor, como em saraus de literatura na comunidade, rap, poesia, entre outras manifestações artísticas.. Por fim, a *temática* diz respeito a narrativa sobre a história do povo negro, e como esta deve ser a

temática central presente nas obras da literatura afro-brasileira. Para analisar o livro *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, escolhemos a *temática* como categoria analítica. Segundo Duarte (2008):

Um dos fatores que ajuda a configurar o pertencimento um texto à Literatura Afro-brasileira situa-se na temática. Esta pode contemplar o resgate da história do povo negro na diáspora brasileira, passando pela denúncia da escravidão e de suas consequências ou ir até à glorificação de heróis como Zumbi e Ganga Zumba. (DUARTE, Pág. 13)

Portanto, compreende-se que, na literatura afro-brasileira, o negro é aspecto mais importante de sua caracterização. A cultura negra e seus heróis, assim como sua história dentro da construção brasileira, devem ser compreendidas como a *temática* principal dentro do romance, para que esse então possa ser compreendido como literatura afro-brasileira.

Neste estudo, iremos analisar o histórico da literatura afro-brasileira e como a temática, através da denúncia da escravidão e suas consequências, pode ser definido como um aspecto caracterizador no livro *Ponciá Vicêncio* (2008), de Conceição Evaristo.

CAPÍTULO 2: ESTUDO DA OBRA

Nos tópicos seguintes iremos estudar a apresentação do livro supracitado e como ele é apresentado através do estudo da temática dentro da literatura afro-brasileira.

2.1 Tema e contextualização da obra

2.1.1 Apresentação dos componentes

Como *corpus* dessa análise, utilizaremos a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, especialmente os capítulos III, XVIII, XVII e XXXI. A categoria analítica deste trabalho será a *temática*, em que será dividida entre denúncia da escravidão e suas consequências. Para análise do *corpus*, utilizamos o artigo *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*, de Duarte (2008).

2.1.2 Contextualização

Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1949, em uma favela de Belo Horizonte MG. Formou-se em 1970 na escola regular e mudou-se para o Rio de Janeiro, para ingressar no magistério público. No Rio de Janeiro, Evaristo teve maior contato com o movimento negro, cada vez mais intenso do Brasil, sofrendo grande influência pela luta que acontecia em relação ao movimento negro nos Estados Unidos. Em 1976, Conceição entrou na graduação em Letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e concluiu o curso em 1989.

Durante a década de 1980, a autora participou do grupo Negrícia: poesia e arte de crioulo, que recitava poesias em bibliotecas públicas, presídios e favelas. Conceição Evaristo apresentava um conceito para sua forma de escrita, a escrevivência, em que ela diz que sua escrita é caracterizada por sua condição de mulher negra, sendo seus textos parte de sua vivência. Ela compreende sua escrita como um projeto literário.

Evaristo é mestre em literatura brasileira pela PUC e é doutora em Literatura comparada pela UFF. Em 2015, a autora ganhou o prêmio Jabuti na categoria contos e crônicas, com seu livro *Olhos d' água*. Entre suas principais obras, destacam-se *Becos de memória* (2006), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Poemas de recordação* (2008) e *Ponciá Vicêncio* (2003).

Ponciá Vicêncio (2003) se passa no interior do Brasil, pouco tempo após a abolição da escravatura, mas não é especificado o ano exato em que a história é apresentada. Luna (2008) apresenta:

[...] As dificuldades da pós-Abolição, com a grande massa de libertos sem ter o que fazer, entregues à própria sorte, não foram cogitadas no momento devido e tiveram como resultado a desorganização geral que se verificou depois, prejudicando fundamentalmente a vida nacional. (LUNA, 1968, p. 203)

É ingenuidade pensar em uma história que retrata a abolição como um ato poético, em que os negros se viram libertos e transferidos de uma realidade de escravidão para uma nova realidade com diversas oportunidades e direitos iguais. O livro apresenta as dificuldades em que os negros se encontravam, mesmo com o fim do período da escravidão, em busca de liberdade e de uma vida digna. O livro supracitado apresenta 132 páginas, que é dividido em 46 capítulos curtos e não numerados.

A obra narra a história de Ponciá Vicêncio, desde sua infância até sua vida adulta. Ponciá vivia no interior do Brasil com o seu pai, sua mãe, Maria Vicêncio; seu irmão, Luandi e seu Vô Vicêncio. Ponciá é descendente de escravos, e tem seu sobrenome, Vicêncio, pois seu avô foi escravo do Coronel Vicêncio e, após a abolição da escravidão, eles continuaram a viver em suas terras; aderindo, assim, ao sobrenome Vicêncio - realidade comum para os negros após a abolição da escravidão, como apresenta Souza (2008):

O ex-escravo que trabalhava no campo muitas vezes preferiu permanecer nas áreas rurais, ocupando pequenos pedaços de terra, geralmente em 20 sistema de parceria nos quais cedia parte de sua produção ao dono da terra que cultivava. Mas ao longo do século XX, e principalmente a partir da década de 1930, a migração de negros e seus descendentes rumo às cidades cresceu cada vez mais. Eles geralmente desempenhavam as funções mais subalternas, uma vez que só alguns poucos afro-brasileiros conseguiam se educar, prosperar nos negócios e ascender socialmente. (SOUZA. 2008, p.125)

Assim como é apresentado por Souza (2008), a família de Ponciá ainda vive nas terras do seu antigo dono, trabalhando para os brancos por uma quantidade de dinheiro pequena, com a qual eles mal conseguem sobreviver. Porém, com a proposta de ascender socialmente, Ponciá vai a cidade em busca de melhores oportunidades de trabalho e deixa as terras do coronel Vicêncio.

A narrativa é apresentada em diferentes momentos da história de Ponciá; em alguns momentos lemos sobre a infância dela e, em outros momentos, sobre sua atual localização, morando em uma favela no centro urbano, em um relacionamento violento, com alguém que é apenas identificado como “seu homem”, e trabalhando como empregada doméstica. Também vemos Ponciá quando menina, morando na fazenda Vicêncio, fazendo suas esculturas de barro.

No livro podemos ver o retrato do período compreendido por antes e depois da escravidão. A partir da história de cada integrante da família Vicêncio, compreendemos a importância do livro e das histórias apresentadas nele; como construção e significação da literatura negra.

2.1.3 Mapeamento da categoria

A *temática*, por meio da denúncia da escravidão, se apresenta nos capítulos III e XVIII e, apresentando as consequências da escravidão, nos capítulos V, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XVII, XXI, XXV, XXVI e XXXI.

2.2 Denúncias da escravidão

A denúncia da escravidão é apresentada no capítulo III, quando o Sinhô-moço pede para o pai de Ponciá abrir a boca, para que ele possa urinar dentro. O momento narrado no livro ocorre quando o Sinhô-moço está brincando de “cavalinho” com o pai de Ponciá, obrigando-o a andar com ele em suas costas. Na mesma noite do ocorrido, o pai de Ponciá não consegue dormir, pois ainda tem lembranças da humilhação sofrida.

No capítulo XVIII, ocorre a denúncia no momento em que Vô Vicêncio, para se libertar da escravidão, mata sua mulher e tenta se matar. Após anos de sua vida sofrendo humilhações, sendo escravo do Coronel Vicêncio, o avô de Ponciá, em um momento de desespero, mata sua mulher e, após o ocorrido, tenta se matar cortando aos poucos as partes de seu corpo. Sendo impedido de matar-se pelos capangas do Coronel Vicêncio, que foram chamados pelo seu filho, Vô Vicêncio apenas consegue mutilar o próprio braço. Vô Vicêncio nunca mais foi o mesmo, entrando num estado de loucura, em que ria e chorava sem parar, o que perdurou até o fim de sua vida.

O primeiro relato da escravidão apresentado ocorre no capítulo III. O capítulo aqui analisado apresenta a história do pai de Ponciá, que não recebe um nome na obra, sendo apenas descrito pelo papel que exerce na família. Filho de escravos, ainda criança, servia ao filho do Coronel Vicêncio, o dono de sua família, como apresentando no trecho abaixo:

Filho de escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo onde a mocinha galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ela abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda de seu pai. (EVARISTO, 2003, Pág. 14)

O fragmento acima apresenta o momento em que o pai de Ponciá está servindo de escravo para o Senhor-Moço, brincando de cavalo com o pai de Ponciá, quando o

coronelzinho ordenou que ele abrisse boca; após ele obedecer, o Sinhô-moço urina dentro da boca do pai de Ponciá.. Após esse momento, o Sinhô-moço começa a rir e o pai de Ponciá começa a chorar.

Segundo Duarte (2008), a denúncia da escravidão é um aspecto que constitui a temática, sendo este aspecto retratado na cena descrita, apresentando o lugar do pai de Ponciá em sua função de escravo, ainda quando criança, retratando uma denúncia forte em relação às humilhações sofridas por ele na condição de escravo do sinhô-moço. A maneira como o sinhô-moço trata o escravo, mesmo este tendo a mesma idade que a sua, apresenta a realidade a que os escravos se submetiam, nas mais variadas funções e idades.

Já no capítulo XVIII, é apresentada a história do Vô Vicêncio, sua relação com a escravidão e o extremo a que a escravidão o levou.

Vô Vicêncio tinha nascido um homem perfeito, com pernas e braços completos. O braço cotó ele se deu depois, em um momento de revolta, na procura da morte. No tempo do fato acontecido, como sempre os homens e muitas melhores trabalhavam na terra. O canavial crescia dando prosperidade ao dono. Os engenhos de açúcar enriquecem e fortalecem o senhor. Sangue e garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher e os filhos viviam anos e anos nessa lida; Três ou quatro dos seus, nascidos do “ventre livre”, entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos. Numa noite, o desespero venceu. Vô Vicêncio matou a mulher e tentou acabar com a própria vida. Armado com a mesma foice que lançara contra a mulher, começou a se autoflagelar decepando a mão. Acudido, é impedido de continuar o intento. Estava louco, chorando e rindo. Não morreu o Vô Vicêncio, a vida continuou com ele, independente do seu querer. (EVARISTO, 2003, Pág. 50)

O trecho, apresentado acima, narra a história de Vô Vicêncio durante sua triste realidade quando escravo. O homem, em um momento de desespero, cansado da realidade em que vivia, matou sua mulher e tentou acabar com sua própria vida, se autoflagelando, mas não conseguiu após ser impedido de continuar com seu plano de se matar.

Segundo Duarte (2008), os autores de literatura afro-brasileira estão empenhados, em relação à *temática* em: “[...] reconstituir a memória de lutas dos que não se submeteram ao cativeiro.” (DUARTE. Pág. 13). Logo, o autor apresenta a necessidade de que se apresente na literatura afro-brasileira uma história de luta, de resistência do povo negro, que não se

submeteu ao cativeiro sem luta, como é apresentado na história de Vô Vicêncio, que foi ao ato mais extremo para se libertar do cativeiro que era a escravidão.

2.3 Consequências da escravidão

As consequências da escravidão são introduzidas no capítulo V, quando é retratado o fato de o irmão mais velho de Ponciá, Luandi, não brincar com ela, pois ele tinha que acompanhar o pai no trabalho na roça, que ficava nas "terras dos brancos".

No capítulo VII, a consequência ocorre no momento em que Ponciá tem o desejo de aprender a ler, porém, mesmo após abolição da escravidão, a menina não tem acesso a educação básica. Assim, Ponciá diz que na roça ela necessita de outros aprendizados, como reconhecer as fases da lua e tempo das águas.

Já no capítulo VIII, a consequência ocorre no momento em que se narra a reminiscência do sobrenome Vicêncio, representando a continuidade do poderio do senhor Coronel Vicêncio em relação à família de Ponciá, mesmo após a abolição da escravidão. Assim, Ponciá apresenta no capítulo que não se sente confortável, dizendo que ela tem um nome que não tem dono.

No capítulo IX, a consequência da escravidão ocorre no momento em que se apresenta os sentimentos do pai de Ponciá, após sua morte, sobre ele nunca ter sido feliz, e como isso foi causado por conta de ele ter sido escravo do sinhô-moço quando criança.

Já no capítulo X, a consequência ocorre no fato de Ponciá retratar que estava cansada na vida da Fazenda, por sempre ir à “terra dos brancos” e voltar de mãos vazias. No presente capítulo, Ponciá está refletindo sobre a realidade da fazenda, sobre a luta a que os homens negros se submetiam, mesmo após o fim da escravidão, e o fato de continuarem ainda mais pobres, mesmo com todo o trabalho que realizam.

No capítulo XI, a consequência ocorre nos relatos que Ponciá faz em relação aos antigos escravos que tentavam ir à cidade, em busca de uma vida melhor, mas acabavam ficando na extrema pobreza. Ela apresenta que os escravos iam até a cidade, mas eram assaltados em uma parte do caminho, e ficavam ali mesmo na rua e viravam mendigos ou

encontravam empregos que pagavam muito pouco, e não conseguiam se sustentar na cidade, tendo uma vida pior do que a da roça.

No capítulo XVII, a consequência da escravidão ocorre no momento em que Ponciá apresenta a diferença entre a terra dos brancos e a terra dos negros. Na terra dos negros, só as mulheres e os filhos podiam cuidar da colheita, pois os homens trabalhavam na terra dos brancos. Logo, apesar dos esforços que os negros tinham, suas terras não eram tão boas como as terras dos brancos, e eles tinham que dar para os brancos a maior parte da colheita que faziam em suas terras.

No capítulo XXI, essa categoria é apresentada quando é narrado a forma como ocorria a distribuição de terras, após o fim da escravidão, entre as famílias dos negros que viviam nas terras do Coronel Vicêncio, dentre estas, a família de Ponciá. Os antigos escravos (homens), após a abolição da escravidão, ainda plantavam nas terras dos brancos e, em troca os brancos lhes davam terras para morar.

No capítulo XXV, a consequência é retratada de outra maneira, quando o irmão de Luandi, ao chegar na cidade em busca de Ponciá, conhece o Soldado Nestor, que era negro e soldado, e isso faz com que Luandi fique extremamente surpreso e admirado com o Nestor, uma vez que ele não costuma ver negros em uma posição de destaque.

No capítulo XXVI, a denúncia é apresentada no relato de Luandi em relação ao ódio que o pai de Ponciá nutriu pelo Vô Vicêncio, até o fim de sua vida, e como ele nunca se recuperou por ter visto seu pai assassinando sua mãe, num ato de desespero, para libertar-se da escravidão, mesmo reconhecendo que o pai havia enlouquecido.

No capítulo XXXI, a consequência é retratada no momento em que Ponciá está refletindo sobre a ideia de ter filhos, mas questiona se valeria a pena ter um filho no mundo em que vivia, pois nasceu na pobreza, sendo filha e neta de escravos, e não gostaria que acontecesse com seus filhos o mesmo que aconteceu com ela. Assim, ao longo do capítulo, a menina reflete sobre os negros serem donos da miséria, da fome e do sofrimento.

Ainda no capítulo XXXI, outra denúncia ocorre quando Ponciá reflete sobre sua realidade na cidade grande, tendo que ir e vir nas casas das patroas e apenas conseguir um

barraco no morro. Assim, após essas reflexões, Ponciá se questiona se valeu a pena a coragem dos negros que fugiam aos quilombos, se a realidade após a abolição era aquela em que ela estava vivendo.

No romance de Conceição Evaristo não é apresentado a glorificação de heróis negros. Logo, iremos analisar o primeiro aspecto da *temática*, o resgate da história do povo negro. Por questões organizacionais, dividimos o primeiro aspecto em duas categorias: a denúncia da escravidão, que iremos analisar nos capítulos III, XVIII, e as consequências da escravidão, nos capítulos IX e XXXI.

No capítulo V do livro, Evaristo escreve sobre a rotina dos homens da família de Ponciá, seu irmão e seu pai, como é descrito no seguinte trecho:

Tinha mais um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Ela e a mãe ficavam dias sem ver os dois. Nos tempos das chuvas, as visitas deles rareavam mais ainda. (EVARISTO, pág. 18, 2003)

É imprescindível esse trecho para compreensão de como a autora escreve sobre o momento pós fim da escravidão, a qual não acabou no momento em que lei áurea foi assinada. A família de ex-escravos de Ponciá não tinham outro lugar para ir após a “libertação”, quando continuaram a precisar sobreviver através do trabalho para seus antigos donos. Além do trabalho, a contínua escravidão ainda era observada no uso do sobrenome Vicêncio:

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome ela tinha vindo desde antes do seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encontrar. O pai e a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor de um tal Coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. (EVARISTO, pág. 27, 2003)

No capítulo XVII, a consequência da escravidão é apresentada no relato do ganho das terras dos negros, após sua falsa libertação.

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presentes de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e planta seus sustentos.

Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. (EVARISTO, 2003, Pág. 47)

O trecho acima se enfoca no momento em que os escravos foram libertos e os seus antigos donos lhe deram terras para plantarem e tirarem seu sustento dessa terra. Porém, eles tinham que continuar a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio, com uma condição para que pudessem continuar a morar em sua fazenda.

A consequência da escravidão, apresentada neste trecho do livro, é o fato de que seu fim não ocorreu após o decreto da Lei Áurea. Os negros receberam sua alforria, porém não tinham um outro lugar para ir. Não tendo outra opção que não fosse continuar nas terras do Coronel Vicêncio. Sendo assim, quando Vicêncio ofereceu terras aos negros, eles acreditaram que o Coronel estava tendo aquele gesto com boas intenções, como uma forma de presente de libertação. Entretanto, os negros continuariam com sua vida de escravos, mas com uma falsa ideia de libertação, tendo sua parte nas terras, mas não poderiam trabalhar nela, pois tinham que trabalhar nas terras do Coronel.

Duarte (2008) apresenta as consequências da escravidão como um dos aspectos que compõem a *temática*, sendo esta característica presente ao longo de todo o romance como representado na citação acima, apresentando o que aconteceu aos negros, após sua falsa libertação. Em relação aos temas abordados pelo autores de literatura afro-brasileira, Duarte apresenta:

[...] muitos são os que debruçam sobre o estigma do 14 de maio de 1888 – o longo day after da abolição, que se prolonga pelas décadas seguintes e chega ao século XXI. (DUARTE, 2008, Pág. 14)

No fragmento apresentado acima, Duarte (2008) explana o estigma sobre o dia após a abolição da escravidão e ressalta o fato do prolongamento desse dia por décadas, até o século XXI. Assim, os escravos acharam que a liberdade viria após a lei Áurea, porém isso não aconteceu e a escravidão moderna perdura até hoje, como apresentado no trecho da obra de Conceição Evaristo, com o fato dos escravos continuarem nas terras dos seus antigos coronéis.

O capítulo XXXI apresenta a consequência da escravidão na vida dos negros e a continuidade da miséria e da fome.

Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar de esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente de sucesso e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para casa das patroas. Umas sobrar de roupa e alimento para compensar um salário que não bastava [...] A vida escrava continua até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. (EVARISTO, 2003, Pág. 83-84)

No fragmento acima, é apresentada a reflexão de Ponciá acerca das consequências da escravidão em sua vida. No texto, ela reflete sobre os negros serem donos da miséria, da fome e do sofrimento. Após isso, apresenta essa consequência em sua vida. Após chegar à cidade, ela apenas havia conseguido o barraco em um morro e uma vida trabalhando na casa de suas patroas, tendo que sobreviver de restos. Por fim, ela se caracteriza com uma escrava, de uma condição de vida que se repetia, sem mudanças significativas.

Segundo Duarte (2008), sobre a literatura afro-brasileira e diversidade da temática negra: “[...] busca trazer ao leitor os dramas vividos na modernidade brasileira, com suas ilhas de prosperidade cercadas de miséria e exclusão”. (Pág. 14). Assim, o autor apresenta sobre a continuidade da miséria e exclusão dos negros na sociedade moderna brasileira, e como eles coexistem com as pequenas ilhas da prosperidade de uma pequena parte da população, apresentando uma denúncia sobre a continuidade da escravidão, como também é narrado no fragmento do romance de Conceição Evaristo, o relato de Ponciá em sua realidade de pobreza causada pela escravidão.

O trecho apresenta um relato da escravidão moderna, em relação a vida de Ponciá, porém que perdura até hoje. Ponciá, ao ir embora da fazenda em que vivia sobre o poder do Coronel Vicêncio, foi a cidade em busca de uma vida melhor, todavia, virou vítima da escravidão moderna. Morando em um barraco no morro e ganhando pouco, sendo isso um reflexo da condição de escrava que se repetia em sua vida. Assim, tais mazelas sociais continuam presentes na sociedade brasileira.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história da literatura e da cultura brasileira observamos a constante presença de negros em papéis secundários, ou seja, estes raramente estão inseridos em uma posição de

destaque nas obras. Com base nisso, a denominação da literatura afro-brasileira surge como uma forma de dar voz a esses autores e personagens que não tiveram espaço dentro da literatura considerada canônica. Como efeito, tornou-se necessário o desenvolvimento de um corpus dentro do cânone da literatura, devido tamanha falta de representatividade e espaço para autores negros.

Ao longo do trabalho, buscou-se apresentar um estudo sobre a importância do desenvolvimento da literatura negra. Sabemos que, atualmente, o espaço para o artista negro ainda é escasso. Por muitas vezes, em produções literárias, televisivas, cinematográficas, etc, o espaço para histórias negras são inexistentes ou apresentadas de forma secundária.

Em alguns casos, por exemplo, sempre que um negro é escalado para um papel de protagonismo, observa-se uma grande comoção em torno disso, através de apoio ou manifestações contrárias e racistas. Isso ocorre, além de outros fatores, pela dissociação da realidade - ou seja, as pessoas estão tão desacostumadas com um negro ocupando um papel de destaque que, quando os veem, reagem de maneiras que fogem dos padrões. Logo, torna-se necessário a criação de espaços para a cultura afro-brasileira, bem como a manutenção da literatura negra, através de divulgação de novos escritores como forma de dar voz ao protagonismo negro.

A partir do estudo aqui realizado do livro *Poncia Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, através do que é proposto por Duarte, observa-se como a temática - dividida em denúncias e consequências da escravidão - é apresentado constantemente na obra, a caracterizando, sim, com uma obra de literatura afro-brasileira, por apresentar a história de uma personagem negra, escrita por uma autora negra. Além disso, observa-se, ao longo dos tempos, a tentativa de apagar a história da cultura negra.. Ponciá, por exemplo, herdou um sobrenome de outrem, de um homem cujo sangue não corre em suas veias, por esse motivo desconhece boa parte de sua história e de seu legado como pessoa negra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Luiza M. Português: contexto, interlocução e sentido: vol. 2. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2013.

SOUSA, Cruz e. Últimos sonetos. Texto estabelecido pelo manuscrito autógrafo e notas Adriano da Gama Kury. Est. liter. Julio Castañon Guimarães. 2.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC: Fundação Catarinense de Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. p.21

DALCASTAGNÈ, Regina – Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, núm. 31, 2008, pp. 11-23 Universidade de Brasília, Brasil.

DUARTE, Eduardo de Assis. Maria Firmina dos Reis e os primórdios da ficção afro brasileira. Posfácio. In. REIS, Maria Firmino dos. Úrsula (Romance): A escrava (Conto). Florianópolis: Ed. Mulheres. Belo Horizonte: PUC Minas, 2009. P. 263 - 279.

EVARISTO, Conceição. Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Maza Edições, 2003.

EVARISTO, Conceição. *Poemas de recordação e outros movimentos*, p. 10-11

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009

GONZALEZ, Lélia. Lugar de negro. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora marco zero. 1982.

JESUS, Maria Carolina de. Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada. 1960.

KRACHENSKI, Naiara. *Escravidão e Subjetividade: notas sobre o romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Itinerários, Araraquara, n. 46, p. 51-61, jan./jun. 2018

LOBO, Luiza. Crítica sem juízo. 2 ed. revista. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LUNA, Luiz. O Negro na luta contra a escravidão.. Leitura: Rio de Janeiro, 1968.

MACEDO, Aroldo. “Aroldo Macedo” In: RIBEIRO, Esmeralda (org.): Cadernos Negros: três décadas – ensaios, poemas contos. São Paulo, Quilombhoje, 2008.

MOURA, C. Brasil: raízes do protesto negro. São Paulo: Global, 1983

SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil Africano. Ática: São Paulo: 2008.